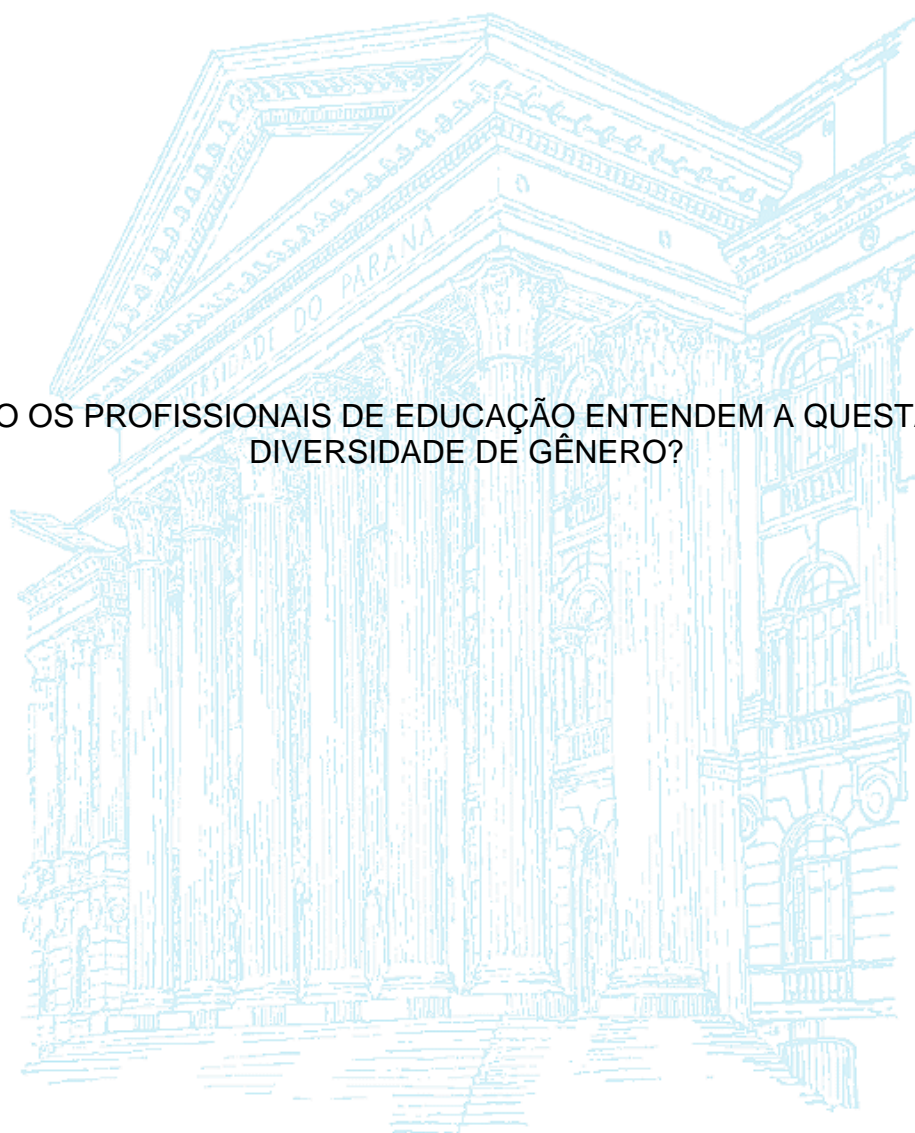


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

EMERSON HENRIQUE DOS SANTOS

COMO OS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO ENTENDEM A QUESTÃO DA
DIVERSIDADE DE GÊNERO?



ITAMBÉ
2016

EMERSON HENRIQUE DOS SANTOS

COMO OS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO ENTENDEM A QUESTÃO DA
DIVERSIDADE DE GÊNERO?

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós- Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof.^a Valeria dos Santos
Oliveira

ITAMBÉ
2016

COMO OS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO ENTENDEM A QUESTÃO DA DIVERSIDADE DE GÊNERO?

Emerson Henrique dos Santos¹ Valéria dos Santos de Oliveira²

¹ Professor de Geografia – Secretária de Educação do Paraná. E-mail: ehs.ebano@gmail.com ² Mestranda em Desenvolvimento Territorial Sustentável. Servidora Pública – Secretária Executiva – UFPR Setor Litoral. E-mail: valeriaso238@gmail.com

Resumo: A dinâmica que envolve os estudos de Diversidade de Gênero não é ampla nas salas de aula e muito menos nos bastidores das escolas, em geral nossos professores e funcionários não possuem conhecimento e informações para trabalhar com esta temática. A questão da Diversidade Sexual e de Gênero é constantemente abordada nas mídias - televisivas, jornais e periódicos, que tratam o assunto de forma superficial. Portanto, esta questão tem forçado a sociedade a discutir o tema, à educação escolar não pode ignorar esta bandeira, mas será que o assunto é tratado de forma mínima e condizente dentro dos estabelecimentos escolares. Com este trabalho consegui chegar a algumas conclusões a respeito do tema e os motivos do não entendimento das pessoas de forma geral, muitos profissionais depararam-se com situações que não saberiam resolver ou sequer sabiam de sua existência. Na escola isso acontece de forma latente e após a discussão dessa pesquisa acredito que novos comportamentos foram provocados e geram em novas formas de observar o outro dentro do contexto da pesquisa.

Palavras - Chave: Diversidade; Gênero; Escola

Abstract: The dynamics surrounding the Gender Diversity studies is not large in classrooms and much less on the sidelines of the schools in general our teachers and staff lack knowledge and information to work with this theme. The issue of sexual diversity and gender is constantly discussed in the media - television, newspapers and periodicals, treating the subject in a superficial way. Therefore, this issue has forced the company to discuss the topic, school education can not ignore this flag, but does the subject is treated minimum and consistently within the schools. This work could come to some conclusions on the subject and the reasons for not understanding of people in general, many professionals were faced with situations that would not know how to solve or even knew of its existence. At school it happens latently and after the discussion of this research believe that new behaviors were generate and impact in new ways of observing others within the context of research.

Key – words: Diversity; Genre; school

INTRODUÇÃO

Grande parte dos movimentos em prol das discussões de gênero e diversidade surge junto com os movimentos femininos ou feminismos nos anos 1960/1970. Apenas a partir dos anos 2000 que as esferas estaduais e municipais de educação do Brasil começaram a dar ênfase às discussões de gênero e diversidade no ambiente escolar.

“A realidade educacional brasileira, no período após a Constituição de 1988, e mais recentemente com as metas a serem cumpridas pelo Estado para eliminar a discriminação contra a mulher, juntamente com as metas do Milênio e da Conferência de Dakar na esfera da educação, nos leva a indagar sobre o que, de fato, foi priorizado nas políticas públicas de educação, no que se refere à inclusão de demandas relativas às relações de gênero” (VIANA, UNBEHAUM 2006).

O assunto diversidade de gênero e seus desdobramentos dentro dos muros escolares é uma questão real. É necessária uma forma de enfrentamento das questões que rondam os (as) profissionais de educação, o (as) alunos sob sua responsabilidade, a necessidade do reconhecimento da diversidade sexual e gênero são necessários para poder dar suporte e ainda entender nossos educandos e pelo que podem passar pela vida, oferecer-lhes no mínimo um porto seguro onde estas questões não os façam desistir da escolarização e minimizar e ou deter todas as formas de hostilidades ocorridas dentro dos ambientes escolares, assim passando a ideia de respeito e tolerância para toda a vida. Necessita-se confrontar crenças e valores que alimentam o preconceito como as atitudes homofóbicas e machistas e tudo mais que permeiam esta temática.

Em quais situações e de que maneiras pessoas falam de sexo e de diversidade sexual na escola? Ali os episódios de violência física ou verbal tem algo a ver com as representações sobre sexualidade que circulam no currículo oculto? Como reagimos, em sala de aula, a cenas de agressão verbal homofóbicas? Que medidas administrativas e organizacionais as escolas costumam adotar diante delas? (Revista Pátio, 2009)

Este trabalho teve como pretensão inicial realizar uma discussão em forma de questionamentos sobre o conhecimento do tema e fomentar reflexões sobre o assunto, que minimamente provoquem uma tentativa de rever o outro de uma maneira diferente, com respeito e empatia, caminhando para uma desconstrução de estereótipos.

OBJETIVOS

Fazer com que a escola através de seus profissionais de educação não reproduza ou ampliem questões de preconceito, desamparo e hostilidades no que tange a diversidade de gênero e suas nuances, ou no mínimo promover um aprendizado que possa diminuir e até possivelmente sanar os preconceitos.

Oferecer uma discussão através da análise de questões que promovam uma alteração de comportamento perante as questões da Diversidade de Gênero.

Análise dos dados coletados e apresentá-los a mesma comunidade envolvida para uma discussão maior sobre a questão de Gênero e Diversidade no ambiente escolar em especial desta instituição escolar pesquisada.

METODOLOGIA

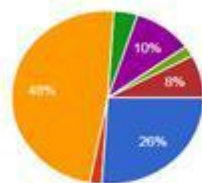
A presente pesquisa foi executada de forma qualitativa e quantitativa, com roteiro de pesquisa. Sou professor de geografia e trabalho com a diversidade humana populacional e na escola que trabalho na zona oeste de Londrina, os profissionais também são. Assim o questionário foi enviado através de e-mail contendo um link disposto no Google drive.

No estabelecimento no momento da pesquisa eram 110 profissionais no geral, enviei 92 formulários e retornados 53 questionários, ou seja, 58% dos envios, que considero satisfatório pelo tamanho do estabelecimento e a diversidade de pessoas que neste espaço atuam. É um estabelecimento de ensino fundamental, médio e EJA que abrange alunos de todas as regiões da cidade de Londrina e mais especificamente a zona oeste da cidade com bairros de classe média à baixa renda possuindo todos os problemas latentes a uma instituição pública. É um ambiente organizado dentro da possibilidade mínima necessária para o aprendizado dos alunos e oferece um relativo conforto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mesmo se tratando de um ambiente escolar e uma pesquisa desta modalidade o quesito escolaridade é muito importante para uma análise mais profunda do trabalho, os entrevistados estavam distribuídos com o seguinte grau de escolaridade:

Escolaridade



Ensino Superior Completo	13	26%
Especialização Incompleta	1	2%
Especialização Completa	24	48%
Mestrado Incompleto	2	4%
Mestrado Completo	5	10%
Doutorado Incompleto	0	0%
Doutorado Completo	0	0%
PDE Incompleto	1	2%
PDE Completo	4	8%

Os entrevistados possuíam idades que variavam entre 18 e 58 anos sendo que 35,4% estão na função de agente educacional I (auxiliar administrativo) e agentes educacionais II (serviços gerais, e pessoal de cozinha), os demais 64,6% dos entrevistados foram professores de todas as áreas de ensino em funções de sala de aula, pedagogos e direção escolar. Além dos professores grande parte dos funcionários também possui curso superior.

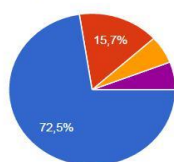
Em relação ao quesito raça/cor houve uma satisfação com o grande número de auto declarados negros (pretos e pardos), os entrevistados são participantes de quase todos os grupos biológicos.

O conceito de raça está intimamente relacionado com o âmbito biológico, as diferenças de características físicas que fazem daquele grupo social um grupo particular. Pode-se compreender melhor o que se quer dizer quando fala-se de raça quando se atenta para as questões de cor de pele, tipo de cabelo, conformação facial e cranial, ancestralidade e genética. O conceito de Etnia está relacionado ao âmbito da cultura, os modos de viver, costumes, afinidades linguísticas de um determinado povo criam as condições de pertencimento àquela determinada etnia. Pode-se compreender melhor as questões étnicas a partir dos inúmeros exemplos que enchem a televisão de manchetes, como os eternos conflitos entre grupos étnicos no oriente médio que vivem em disputa política por territórios ou por questões religiosas. (Ministério da Cultura – Fundação Palmares, 2014)

Em geral os participantes declaram que raça corresponde apenas à condição da humanidade, esta nomenclatura é utilizada para definir características físicas que se traduziriam na cor da pele, outros dizem que raça e um conceito destinado para animais e que a questão humana deveria ficar somente com a questão etnia e nada mais, muitos acreditam que a utilização do termo raça torna a situação pejorativa e discriminatória, apresentando então conceitos contraditórios e diferentes visões.

Quando indagados sobre o que significa cor da pele os participantes respondem em geral que tem a ver com a questão étnica de cada um, cor da pele é quando a olhamos e definimos algo de herança genética e ou melanina, em suma o resultado de um processo natural.

Segundo as categorias utilizadas pelo IBGE, você se declara de cor:



Branca	37	72,5%
Parda	8	15,7%
Preta	3	5,9%
Indígena	0	0%
Amarela	3	5,9%

Quase em sua totalidade os participantes disseram procurar como fontes de informações a internet, porém quase a metade respondeu utilizar a televisão como principal fonte informativa e livros. Mostram-se ecléticos na busca de informações, ou seja, uma conclusão previa mostra que são pessoas relativamente bem informadas de uma maneira ou outra, utilizando-se de canais diversos. Declaram-se utilizar redes sociais para uso pessoal e também como fontes de informações mais instantâneas do cotidiano, em suma um público que circula por diversas áreas do conhecimento e consequentemente bem informado.

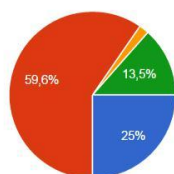
Dos pesquisados 98% talvez pelo fato de serem profissionais da educação buscam suas informações na internet, destes 32% também se utilizam de jornais e quase a metade também leem livros constantemente, ou seja, 46% do total, supostamente a informação é latente a todos.

Quanto ao quesito orientação sexual a grande maioria, um total de 48 pessoas de declararam heterossexuais e quatro pessoas fizeram a declaração como homossexuais.

DISCUSSÃO SOBRE RAÇA, DISCRIMINAÇÃO E DIVERSIDADE DE GÊNERO

Dos entrevistados 92% declaram nunca ter sofrido nenhum tipo de discriminação, destes 72% declararam-se de cor branca (maioria) e uma minoria cinco pessoas homossexuais, menos que 10% sofreu algum tipo de discriminação pelo fato da cor de sua pele e ou ainda outras discriminações afins e ninguém declarou alguma situação que envolvesse a questão se serem heteros e brancos. Os profissionais declararam perceber sobre a discriminação relacionada à diversidade de gênero no ambiente escolar da seguinte maneira:

No ambiente escolar, você percebe a discriminação relacionada a diversidade de genero?



Sim, apenas entre os alunos	13	25%
Sim, entre alunos e professores	31	59.6%
Sim, apenas entre os professores	1	1.9%
Não percebo atitudes discriminatórias	7	13.5%

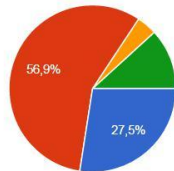
Dos entrevistados 60% percebem a discriminação de gênero na escola e outros 40% não, em um público muito eclético tanto no nível e na diversidade de etnias.

Um apontamento referente ao uso das cores e a questão de gênero foi indagado aos participantes o uso de cores estereotipadas pela sociedade e a identidade de gênero onde o “azul é a cor para meninos, rosa e vermelho são cores para meninas e verde, branco e amarelo são cores neutras”, as respostas todas foram tendenciadas para a banalização do quesito. Entre as várias respostas, algumas comentaram o sistema capitalista como culpado para o assunto cor, convergindo para o uso de brinquedos, profissões e posturas como algo imposto historicamente, o mesmo acontece na situação de que cores são tendenciosas para definir poder e força, ou seja, rosa para mulheres delicadas e azuis para homens que são fortes.

No que diz respeito a questões preconceituosas poucos dizem ter recebido alguma atitude preconceituosa, porém os poucos que a receberam foram pelo fato de serem mulheres envolvendo trânsito ou atitudes de machismo, reitera-se então uma questão de gênero que já as tornam vulneráveis em relação aos homens.

Dos que se declaram sentindo o preconceito a análise mostra que os poucos entrevistados estão mais abertos a responder esta questão, em algumas situações disseram ter sofrido ações vexatórias em postos de saúde (por profissionais de enfermagem e médicos) despreparados para algumas questões, não examinando o/a paciente de forma condizente e este/esta veio a descobrir posteriormente doenças banais que poderia ser descobertas e tratadas de forma simples, ou seja, por preconceito o participante teve sua questão cidadã deturpada por quem deveria ajudá-lo, não houveram declarações feitas que relatassem algo ocorrido na escola.

No ambiente escolar, você percebe a discriminação relacionada a diversidade sexual?



Sim, apenas entre os alunos	14	27.5%
Sim, entre alunos e professores	29	56.9%
Sim, apenas entre os professores	2	3.9%
Não percebo atitudes discriminatórias	6	11.8%

Interessante analisar as respostas que envolvem o gráfico anterior, às pessoas diz não sofrer preconceitos no geral, mas dentro do ambiente escolar a grande maioria diz que o preconceito é maior entre os professores, 56,9% e 27,5% ocorre entre os alunos. Os entrevistados talvez não percebam as questões de diversidade sexual fora da escola, mas somente dentro dela e quando há acreditam ser maior também entre professores e alunos e muito menos entre alunos e alunos, algo interessante para se pensar quando estamos falando sobre questões que envolvem profissionais da educação que supostamente deveriam se mostrar com mais discernimento sobre este assunto.

COMPREENSÃO DE GÊNERO E DIVERSIDADE

E o que vem a ser homem ou mulher? Respostas sobre o tema mostram que poucos concordam que é uma questão biológica e uma maioria confrontando as respostas acreditam que ser homem ou mulher é uma construção social, outras pessoas dizem que homem ou mulher é uma questão social de cada um e que as diferenças físicas é uma condição histórica social imposta, ou seja, se torna homem ou se torna mulher associado também ao

modo de agir das pessoas. Conforme cunhado por de Simone de Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher” (2009).

O mesmo público que conclui que os preconceitos são maiores entre os professores opinam de maneira muito lógica nos quesitos homem e mulher. Perguntados sobre o que é sexo biológico, alguns dizem não ter opinião, outros respondem que tem a ver com o ser masculino e feminino, em suma uma característica física de nascimento vinculado à genitália de cada um ou uma primeira construção social do nascimento dos seres humanos, nesta questão e dentro de uma situação de aprendizado considero que não houve situações adversas.

No mesmo tema os participantes responderam também a indagação sobre identidade ou orientação sexual, e junto com a questão do sexo biológico as respostas foram ao encontro do quesito relação sexo e identidade opinando em resumo que os indivíduos se comportam dentro daquilo que se orientam e de acordo com as experiências de cada um. Poucas surpresas neste tópico, mas o termo “opção sexual” para a questão de identidade de gênero foi utilizado algumas vezes, não causa surpresas, mas ser uma opção não é muito usual com a realidade, diversas pessoas não compreendem o termo e assim associam orientação a uma escolha de cada um ou que os indivíduos tem a capacidade de determinar o que cada um será. Tal caracterização tem a ver com os papéis sexuais que o individuo quer ser, e você escolhe seu caminho, é o que a maioria acredita. Vale explicar que orientação sexual é a direção afetiva ligada ao desejo sexual que cada um tem pelo mesmo sexo ou sexo oposto ao individuo o que não classifica uma “opção” e sim tem ver com escolhas.

Identidade de gênero é a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independente de sexo biológico. Trata-se da convicção íntima de uma pessoa de ser do gênero masculino (homem) ou gênero feminino (mulher). (Manual de Comunicação LGBT, 2009)

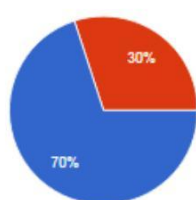
Entrevistados sobre os seguintes termos: cisgêneros, travestis e transexuais, os participantes opinaram, mas após realizarem pesquisas a respeito, confrontadas as respostas à pesquisa da internet grande maioria apenas copiou o que encontrou o que prova que são termos e nomenclaturas “difíceis” de compreensão ou pouco usuais aos participantes, especificamente

cisgêneros, minimamente responderam sem conhecimento mais amplo, poucos souberam responder que corresponde à identidade igual ao seu nascimento.

No uso do termo transgênero ou travestis as respostas ficaram mais evidentes, todavia com mais certeza no que se diz travesti do que transgênero, a maioria propõe a ideia de uma identidade diferente ao sexo biológico de nascimento, uma mudança ocorrida durante o crescimento e amadurecimento dos indivíduos.

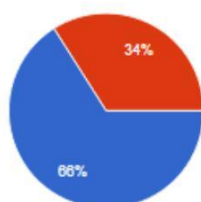
ATUAÇÃO PROFISSIONAL, O CONCEITO DE RAÇA E DIVERSIDADE.

No ambiente escolar, sente-se seguro em abordar o tema Raça e Discriminação com suas turmas?



sim	35	70%
não	15	30%

No ambiente escolar, sente-se seguro em abordar o tema Diversidade com suas turmas?



sim	33	66%
não	17	34%

Indagados sobre a abordagem do tema raça, discriminação e diversidade grande parte dos entrevistados concordam que é possível indagar os temas em sala de aula, porém a falta de conhecimento e capacitação sobre o tema de uma forma geral. Os profissionais não se sentem seguros para tratar o assunto, está associado ao fato que não tem grande contato com os estudantes, ou seja, os agentes educacionais funcionários do administrativo, e serviços gerais do estabelecimento.

Algumas opiniões refletem como a sociedade é conservadora em que vivemos e que uma parte prefere fazer de conta que o assunto não faz parte do seu cotidiano, melhor não indagar nada para que não ocorram polêmicas desnecessárias, embora a necessidade da discussão do tema seja latente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir diversidade de gênero e suas nuances dentro dos ambientes escolares está longe de se tornar uma realidade eficaz e necessária, encontramos ambientes mais humanizados e levemente mais condizentes com as realidades da sociedade contemporânea, mas o tema ainda tem muito a crescer e colaborar para uma sociedade menos preconceituosa e eficaz em suas ações de humanidade.

Mesmo se tratando de locais onde professores possuem curso superior e a maioria dos funcionários também, atos de preconceito e discriminação apresentam-se em graus diferentes o que colabora para uma não abrangência das discussões propostas que condiz com a realidade, assim as mudanças não conseguem ser abrangentes, ficando presa a poucas pessoas. O maior grau de escolarização não significa uma menor discriminação, isto fica bem estabelecido na conclusão de que as ações preconceituosas são apontadas em maior parte entre os professores do que entre os alunos, de alguma forma até compreensível, pois são os professores que estão na linha de confronto da realidade escolar.

Em algumas nuances existe já uma maneira satisfatória da compreensão dos fatos, um exemplo disso é a questão da cor da pele, o mesmo não acontece com as relações de gênero que ficam mais restritas, isto pode então explicar as diferenças que precisam ser discutidas e desmistificadas, talvez falte uma junção das informações que provoquem conhecimento e não soltas em ideias sem nenhuma reflexão. Nestes termos comentou-se em uma das questões que quando nossos alunos deparados com figuras humanas e a necessidade de colori-las em desenhos pedem emprestado uns aos outros lápis cor da pele, mas como então definir a cor da pele de alguém? Não há como obter uma resposta de uma diversidade de tons de cor da pele.

Os participantes responderam as perguntas que envolviam raça e etnia entendendo o quesito biológico do assunto e que o uso da palavra raça difere da questão humana o que leva a manifestações preconceituosas em geral. As diferenças de diversidade aparecem pouco compreendidas em suas terminologias como: travestis, transgêneros, cisgêneros, lésbicas, gays,

bissexuais, e transexuais – LGBT, o que torna o conhecimento um pouco mais limitado não que realmente representa.

Enfim a educação escolar precisa abordar as questões de gênero e diversidade com maior profundidade e capacitação aos seus profissionais, é visível um descompasso entre professores e outros agentes da educação que se mostram caminhando para lados opostos da discussão que foi proposta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a natureza divina que me proporcionou energia e sabedoria para conseguir realizar este trabalho. Agradeço a minha família que de uma maneira ou outra, sempre me incentivaram na minha formação acadêmica. Aos meus colegas de trabalho e amigos que colaboram com minha pesquisa. A Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral em especial aos seus profissionais por me ajudarem muito neste aprendizado.

Enfim agradeço a todos que fizeram parte desta etapa da minha vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Secretaria de Estado da educação. Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual da Secretaria de Estado da educação do Paraná. Curitiba: SEEDPR, 2010. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/dce_diversidade.pdf.

Acesso em: out/2015

BARBOZA, Renato; DA SILVA, Alessandro Soares. Claudia Vianna, Sandra Unbehaum Diversidade sexual, gênero e exclusão social na produção da consciência política de travestis. **Athenea Digital: revista de pensamento e investigación social**, n. 8, p. 27-49, 2005. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 95, p. 407-428, maio/ago. 2006 407

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 102. - See more at: <http://unisinus.br/blogs/ndh/2014/07/21/nao-se-nasce-mulher-torna-se-mulher/#sthash.vMcg5hxn.dpuf>

Coletânea de artigos sobre sexualidade e gênero e outras nuances que envolvem a sexualidade e sobre relações que envolvem e estabelecem as relações entre homens e mulheres nos diferentes processos históricos da sociedade em tempos remotos e contemporâneos.

DIAS, Alfrancio Ferreira; CRUZ, Maria Helena Santana. A docência sob suspeita: as representações de gênero no campo da educação. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 2, n. 2, p. 93-110, 2014. Sexualidade/Secretária de Estado da Educação, Superintendência de Educação. Departamento de Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. – Curitiba: SEED – PR., 2009

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educação & Sociedade, Campinas**, v. 29, n. 103, p. 477-492, 2008.

Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 95, p. 407-428, maio/ago. 2006 407

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/dce_diversidade.pdf. Acesso em: out/2015

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Escola e Homofobia. Pátio, Porto Alegre: Artmed, ano 13, nº 50, p. 28 – 31, Maio/Julho. 2009.

<http://www.infojovem.org.br/infopedia/descubra-e-aprenda/diversidade/raca-e-etnia/>, acesso em 21 de janeiro de 2016.

Manual de Comunicação de LGBT, Aliança Paranaense pela Cidadania LGBT. Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS – UNAIDS. – Curitiba: 2009.